

Erro na Curva

Kelly Ichitani Koide

Interexplosões de metáforas escuras que choram. Quando apago as luzes, todos choram. Como consolo, poeira estelar em pitadas débeis e infantis pisadas, esmagadas, dilaceradas. Então começo a flutuar, em adoração ao nada. Orbitamos seu centro; habitamos a intimidade daquilo que não vemos. Esse móbile demente gira com sua própria música, aquela que não escutamos. Colocamos muitos pés dentro dessa noite rasgada de luz inexistente, como uma centopéia que ondula em meio a tormentas e trovões. Muitos giros e piruetas de trapezista, mas sem a graça nem a consciência.

De repente somos vidro, da areia mais fina e brilhante. Mas não sabemos disso: apenas continuamos uma dança invisível, em meio a algas e nuvens. Atravessamos como heróis pedras quentes sem tocá-las e lugares enfermos esquecidos pelo Sol. Somos o móbile mais pesado que conhecemos. E dançamos a ciranda no único lugar em que somos incorpóreos, leves. Flutuação no ar que nos é pesado, que vai ficando para trás, como um balão de papel molhado.

Somos contrários a nós mesmos. Mas qual é o contrário de doce? Amargo; salgado; azedo. O contrário talvez nem sempre se constitua pela ausência. Tampouco somos doce. Somente vagamos através dos buracos e vazios que o tempo esqueceu de percorrer. Enveredamos enroscados nas falhas como vagabundos. Não temos identidade, apenas uma unidade de mãos que se atam. Nossas horas acabam, nos mastigam, nos atropelam os ponteiros. Continuamos com as mãos em fundição etérea e nos vemos entrelaçados: somos uma colcha, a da humanidade, com tantas cores e retalhos. Retalhos são restos, e restos são erros. Pois nunca somos demais para nos excluirmos.

Com o fim das horas, também acabam-se os tempos e tateamos a barreira final. Estamos presos numa esfera de densa escuridão, um fim que não se concretiza, o eterno movimento restrito. A eterna curva. Seguimos dançando nossa música de móbile demente, já perdidos no menor lugar do nosso mundo que não conhecemos que nos perdeu. Batendo em todos os lugares com irritadiça insanidade. O maior momento de pânico; nada de mais.

No deslize arritmado, pulso nervosamente e me descubro palavra. Decido me descosturar. Atiro pedras. Sou meu próprio mártir. Começo a sangrar o sangue mais grosso e opaco. Mas não sei disso. Só estou vertendo letras mornas pelas feridas. De repente elas se misturam, se erram, morrem. Ficam gélidas. Ficam pálidas. Estilhaçam-se. Os cacos só ferem os que não sabem ler.



KELLY ICHITANI KOIDE é graduada em filosofia pela USP.

E-mail: oovoeagalinha@yahoo.com.br.